



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis - BA  
ISSN 2179-2984

## OS CAMINHOS DAS ROÇAS: MAPEAMENTO DE COMUNIDADES RELIGIOSAS DE MATRIZ AFRICANA EM EUNÁPOLIS - BA.

**Aitana Lima\*** - e-mail: aitanalima4@gmail.com.

**Flaviane Nascimento\*\*** - e-mail: flavianeodara@gmail.com.

**Ícaro Benevides\*\*\*** - e-mail: benevidys@gmail.com.

**Lincoln Cunha\*\*\*\*** - e-mail: lincunha@hotmail.com.

**Scarlate Santos\*\*\*\*\*** - e-mail: scarlatess@gmail.com.

\*Discente do curso técnico de nível médio em Informática - IFBA. Bolsista IC-EM do IFBA.

\*\*Professora de História - IFBA.

\*\*\*Discente do curso técnico de nível médio em Informática - IFBA. Bolsista IC-EM do IFBA.

\*\*\*\*Professor de Filosofia - IFBA.

\*\*\*\*\*Discente do curso técnico de nível médio em Informática - IFBA. Bolsista IC-EM do IFBA.

**Resumo.** O presente artigo visa apresentar e discutir um mapeamento de comunidades religiosas de matriz africana presentes na cidade de Eunápolis, extremo-sul da Bahia, bem como traçar alguns itinerários de memória acerca da fundação e tradição étnica/identitária dessas comunidades, com vistas a contribuir com o desvelamento, o conhecimento desses espaços e religiões e com os debates sobre a intolerância religiosa no município notadamente, no qual impera um processo de silenciamento e invisibilização das tradições afro-brasileiras. Inicialmente, foi feita pesquisa para identificar a localização das comunidades religiosas na cidade, seguida de mapeamento e entrevista com as sacerdotizas e sacerdotes dos templos visitados. Para tanto, nos direcionamos por alguns autores e pesquisadores brasileiros, tais como Edson Carneiro, Reginaldo Prandi e Alessandra Nascimento, que discutem questões referentes à localização, visibilidade e relações sociais de comunidades religiosas de matriz africana. Este estudo foi realizado junto ao Projeto Sankoka: Mapeamento e Itinerários de Comunidades de Terreiro, no âmbito do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Sociedade-GEICES-IFBA.

**Palavras-Chave.** Mapeamento. Comunidades tradicionais. Eunápolis.

### 1. INTRODUÇÃO

As comunidades de terreiro, engendradas no além-mar pela potência de um grande ancestral comum, não são lugares exclusivamente religiosos, mas se apresentam, historicamente, como organizações políticas capazes de preservar valores identitários, seja a partir da resistência cultural e religiosa (SANT'ANNA, 2006), seja como espaço de afirmação e luta pela efetiva cidadania da população afro-brasileira no país. Assim, as religiões de matriz africana e afro-descendentes são entendidas aqui como religiões de caráter eminentemente étnico e marcadamente sócio-comunitárias.

Se durante o escravismo as casas e comunidades religiosas de matriz africana se constituíram em espaços de sobrevivência física e cultural (PRANDI, 2005), tampouco essa tradição se

alterou no pós-abolição, cujas ações violentas, de criminalização ou silenciamento a partir da ideologia da democracia racial, notadamente construíram uma teia que ainda as marginaliza.

A história dos negros em terras brasileiras foi, e é, uma história de negociação e resistência (REIS ; SILVA, 2005), seja promovendo ações violentas, que visaram/visam a ruptura com um sistema opressor, seja alinhando diariamente solidariedades, preservando modos de viver e de ser. Nesse bojo estão as comunidades religiosas de matriz africana, que aqui são consideradas lugares de memória (NORA, 1993). Lugar de preservação desses modos de ser, marcas que somente são inteligíveis à luz de seus itinerários, de suas trajetórias. Pretendemos, pois, a partir desse itinerário das comunidades de religiões afro-brasileiras, contribuir com o conhecimento, mas sobretudo com o enfrentamento à violência e intolerância religiosa.

Na contemporaneidade, novas e avassaladoras formas de genocídio cultural atingem desde as formas de expressão simbólicas derivadas da matriz religiosa africana até a própria segurança física das pessoas que professam as religiões nascidas dessa matriz comum. Assim, entendemos que este estudo dialoga com a necessidade de registro e visibilização e com a luta por respeito, haja vista a pretensão de desvelar trajetórias e experiências que estão ausentes das narrativas acerca das tradições socioculturais eunapolitanas. Foi com esse objetivo que buscamos identificar e catalogar os caminhos que levam às roças de candomblé, ou seja, os lugares onde estão plantados os axés e no qual os Orixás são cultuados no município de Eunápolis. Escolhemos, pois, a palavra roça por esta ser bastante utilizada entre os praticantes das religiões quando fazem referência ao terreiro/casa/local de culto. Roça, portanto, refere-se ao local em que se trabalha para os encantados, em que se cultiva o solo da esperança e do amor aos deuses, orixás, santos e caboclos.

Nesse sentido, inspirados pelo adinkra Sankofa - que mobiliza a ideia da necessidade do retorno ao passado e à ancestridade para o entendimento, a compreensão e o desvelamento do presente, em um jogo de temporalidades sincrônica-diacrônica num determinado espaço-tempo -, o Projeto Sankofa realizou o mapeamento, estudos históricos e etnográficos de algumas comunidades de terreiro a fim de avaliar e refletir sobre o caráter racista do processo de ocupação/fixação das casas de culto no município, bem como contribuir com o desvelamento, divulgação, reconhecimento e promoção do respeito às religiões afro-brasileiras e ao povo negro em Eunápolis.

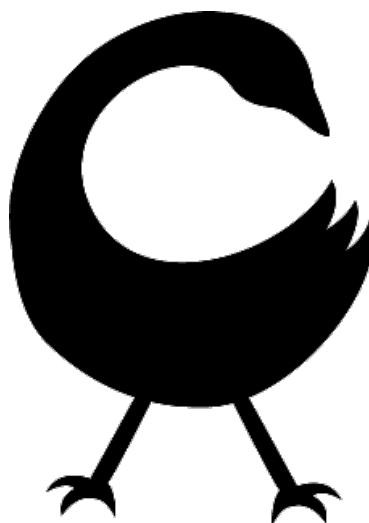


Figura 1- Adinkra Sankofa.

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do

Marfim. Em Akan se wo were fi na wosan kofa a yenki que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa (Figura 1) pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental. Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou idéias filosóficas. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar (SANKOFA, 2014).

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

A fim de conhecer e se inteirar sobre a temática, bem como para aplicar o repertório sobre conceitos e metodologia comuns a estes estudos, realizamos leitura de textos-referências acerca dos itinerários de comunidades de terreiros de religiões de matriz africana, bem como sobre o trabalho de coleta de informações (instrumentos e procedimentos de coleta, e metodologia de transcrição das informações). Essa etapa foi de fundamental importância para a confecção do roteiro de entrevista/coleta de dados, mas também para refletirmos sobre como deveria se dar a abordagem às sacerdotisas e sacerdotes.

Feitas as leituras primárias, iniciamos o trabalho de campo, no qual fizemos algumas visitas, seguidas de conversas informais em alguns terreiros, fundamentais para a identificação/catalogação dos mesmos. A partir da visita ao Espaço Cultural Viola de Bolso, na cidade de Eunápolis, responsável por articular diversas políticas culturais de preservação da cultura e da memória eunapolitana, foi possível um levantamento parcial da quantidade de terreiros existentes na Cidade, bem como suas respectivas localizações. Na sequência, buscamos confirmar algumas indicações feitas por populares e comerciantes de ervas e objetos rituais de religiões de matriz africana. Cumprido esse objetivo, passou-se ao levantamento dos terreiros circunscritos à cidade.

Dando seguimento aos trabalhos e já com algumas informações obtidas, iniciamos as visitas. Algumas dificuldades foram encontradas durante essa etapa do trabalho, visto que não conhecíamos exatamente a localização dos terreiros e, por isso, foi necessário pedir por informações aos moradores dos bairros visitados. Foi, porém, neste processo de encontrar os terreiros que percebemos um grande silenciamento por parte das pessoas que residem nos arredores das comunidades religiosas. Na maioria das vezes, os moradores se espantavam quando perguntávamos sobre onde era o terreiro ou negavam quando eram indagados se conheciam alguma comunidade afro-religiosa no bairro.

Nessa etapa do trabalho houve a necessidade de ter bastante cautela em saber como conversar e pedir por informações sem causar qualquer tipo de constrangimento, tanto por parte das pessoas que forneciam tais informações, quanto para os pesquisadores que procuravam por elas. Sendo assim, cada informação que se pôde obter nesse processo foi uma parte do objetivo alcançado, que trouxe ainda mais motivação em localizar os demais terreiros.

Identificamos 11 terreiros na cidade de Eunápolis, contudo, deste total, conseguimos mapear 9, bem como tabulá-los tendo suas respectivas localizações. Durante o processo de mapeamento, colhemos alguns dados das comunidades, tais como nome da sacerdotisa ou sacerdote dirigente da casa, patrono, dia de funcionamento e contato dos dirigentes. Entre as comunidades identificadas, pré-selecionamos 6 (seis) a serem visitadas e investigadas com relação a seus itinerários na cidade de Eunápolis: o Centro Santo Antônio de Angola, cujo responsável é o Sr. Francisco Xavier da Silva (Negão dos Búzios); o Terreiro do Pai Nado, como é conhecido o Sr. José Ronaldo Sousa Santos; o Terreiro da Mãe Val; o Terreiro São Jorge, Mãe Benedita de Jesus; o Kaiara Jussara, da Mãe Nancy; e o Terreiro da Mãe Luziene. Desses, foi possível

concluir a coleta nos quatro primeiros terreiros, pois não conseguimos efetuar contato com os demais.

As conversas informais durante o processo de catalogação com as sacerdotisas e sacerdotes que se seguiram à localização/mapeamento permitiram que levantássemos algumas informações importantes para a seleção, entre as comunidades visitadas, daquelas que seriam formalmente entrevistadas. Dessa maneira, identificamos junto ao levantamento aquelas casas e comunidades que seriam, provavelmente, as mais antigas, haja vista a pretensão de contar uma história das religiões afro-brasileiras em Eunápolis. Esse primeiro contato com as sacerdotisas e sacerdotes foram fundamentais para que pudéssemos começar a entender as concepções religiosas e as tradições às quais cada casa pertence, uma vez que o sacerdote ou sacerdotiza seria aquele que mais tem propriedade em esclarecer os valores que direcionam a casa, bem como sua tradição religiosa. É em torno dele/a que a casa se estrutura e se resgata e/ou constrói o sentimento de pertencimento e de ancestralidade (CARNEIRO, 1967).

Após a definição dos Terreiros a serem inicialmente, visitados, procedemos às conversas/entrevistas com os respectivos sacerdotes e sacerdotisas. Nesse sentido, coletamos as informações referentes à estrutura fundiária/título de propriedade, número de frequentadores e informações sobre a fundação, nomes dos líderes e tradição étnica-religiosa dos cultos, bem como os nomes dos orixás/guias/santos que regem a Casa/Terreiro.

As conversas foram gravadas em áudio com a autorização formal por escrito dos entrevistados, a qual especificava tanto o objetivo principal pelo projeto, quanto os possíveis usos acadêmicos dos materiais coletados. Para a realização desse processo foi necessário a construção de um roteiro pré-determinado, produzido por meio das informações obtidas a partir dos estudos bibliográfico e com base, também, nos objetivos propostos, a saber, conhecer o itinerário das religiões de matriz africana em Eunápolis.

Para o sucesso das entrevistas foi necessário desenvolver estratégias para o diálogo como, por exemplo, criar um ambiente de conversação, um bate-papo dirigido, uma vez que o roteiro pré-estabelecido guiava a conversa. Fizemos, pois, a escolha por uma comunicação que priorizasse o discurso do saber e o enunciador desse discurso, pois pretendíamos uma história desse itinerário marcada pelas trajetórias de seus sacerdotes e sacerdotisas, porque estão, incontornavelmente, entrelaçadas, segundo as tradições afro-brasileiras narradas por eles e elas.

Em seguida, fizemos a transcrição literal das entrevistas. Como bem disse Marcuschi, “Não existe melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém [...]” (2003, p.9). A fim de assegurar a análise das informações, inclusive, das não verbalizadas, adotamos o método grafemático (uso do sistema grafemático: grafemas=Letas) de transcrição, em conformidade com as convenções para transcrição PB - Português Brasileiro, cuja finalidade foi, justamente, garantir o registro escrito dos elementos fonéticos da fala das/dos entrevistadas/os, presentes nas pronúncias coloquiais, além dos silêncios, pausas, dentre outros aspectos.

Além disso, desprovido dos elementos inerentes ao texto oral, tais como a entoação, a expressão facial, os gestos e todos os elementos compartilhados no momento da interação verbal, o texto resultante de uma transcrição torna-se, em muitas passagens, ininteligível. O método que escolhemos, portanto, visa minimizar problemas de compreensão da fala das/dos entrevistadas/os.

Por fim, à luz da bibliografia especializada, realizamos a tabulação de algumas variáveis e procedemos à análise das mesmas, além de uma abordagem qualitativa dos dados não mensuráveis.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, “a invisibilidade dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana se reflete na ausência de levantamentos e dados oficiais sobre essa parcela da população brasileira. [...]” (2010, p. 18). O intuito deste estudo foi, justamente, contribuir com o respeito às diferentes crenças e construir ferramentas de enfrentamento à intolerância religiosa devido à falta de informação, promovendo visibilidade e acesso a esses Terreiros e, consequentemente, às culturas afro-brasileiras.

Com base no mapeamento e levantamento inicial, selecionamos 4 (quatro) terreiros para fazermos entrevistas com seus dirigentes: Centro Santo Antônio de Angola, cujo responsável é o Sr. Francisco Xavier da Silva, também conhecido como Negão dos Búzios; o Terreiro do Pai Nado, como é conhecido o Sr. José Ronaldo Sousa Santos; e o Terreiro da Mãe Val. Nas entrevistas destacamos as seguintes informações: localização - Centro Santo Antônio de Angola (Bairro Pequi), Terreiro Pai Nado (Bairro Santa Lucia), Terreiro de Mãe Val (Bairro Juca Rosa) e Terreiro de Mãe Benedita ( Colônia). Exceto a comunidade do sr. Negão dos Búzios, todos os outros estão localizados em regiões distantes do centro de Eunápolis. Em relação ao tempo de existência, todos tem aproximadamente trinta anos de fundação; somente dois deles são certificados pela Federação Nacional do Culto Afro-brasileiro; quanto ao título de propriedade - todos possuem registro de compra e venda; quanto à origem dos frequentadores - maior parte de Eunápolis e região; quanto à tradição étnico-religiosa - dois são de Umbanda e um de Candomblé. O Terreiro de Pai Nado tem como patrono Rochumorum, São Gerônimo - Xangô é o guia do Centro Santo Antônio de Angola e Oxum é o principal orixá tanto do Terreiro de Mãe Val, quanto de Mãe Benedita que, por sua vez, também dá destaque a São Jorge.

Edison Carneiro, quando estudou Salvador, em seu livro Candomblés da Bahia (1967), com o intuito de estudar a influência do elemento africano no desenvolvimento das religiões brasileiras, observou que “os candomblés se distribuem pelos bairros pobres da cidade, desde o Nordeste (Amaralina) até São Caetano, já na estrada de rodagem entre Bahia e Feira [...]” (p. 55). O que pode ser um indício de que eles estiveram, historicamente, marginalizados, inclusive com relação à localização espacial. Esse dado pode nos levar a inferir que, por dificuldades de acesso à propriedade ou por perseguições, inclusive da Polícia no início do século XX (Cf. SANTOS, 2009), essas religiões tenderam a estar nas periferias das cidades.

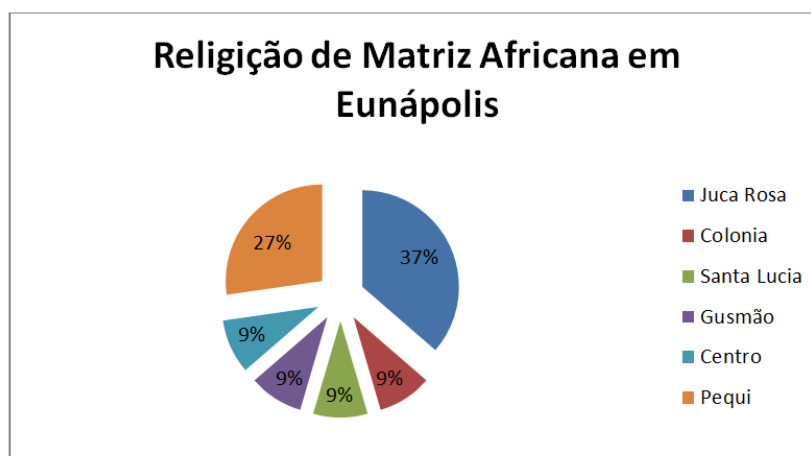


Figura 2- Gráfico de distribuição de Terreiros de Matriz Africana na cidade de Eunápolis.

Com relação à predominância dos terreiros nos bairros de periferia de Eunápolis (Figura

2), cabe salientar que são locais com pouca ou nenhuma infraestrutura, pois observamos, durante as atividades de campo, por exemplo, a falta de pavimentação asfáltica, dificuldade de localizar ruas, pouca ou inexistência de sinalização pública e habitações modestas, se comparados ao centro da cidade ou a bairros de classe média. Enfim, são regiões nas quais moram as populações, historicamente, alijadas do acesso aos serviços públicos.

Mãe Benedita, do terreiro São Jorge, na Colônia (Zona Rural), nos fala um pouco acerca da localização de seu terreiro e nos indica uma das causas para o afastamento dessas comunidades religiosas do centro da cidade:

Eu sempre morei na roça, fazenda, e o candomblé nosso não era coisa de sociedade, assim tá..., era coisa que meu marido trabalhava e ia muita gente, mas era dentro da própria roça da gente, dentro da nossa própria terra [ . . . ] que eu num vou, aí eu num vou botar um candomblé dentro da cidade, eu gosto do meu candomblé, da minha casa de trabalho, mais . . . É mais afastado de coisa, porque toca tambor, faz zuada, né? E tudo. Junta muita gente e faz zuada e é bom mais afastado. (Depoimento colhido de D. Benedita, no dia 13 abril de 2016).

Com base na figura 2, bem como no depoimento de mãe Benedita, acima apresentados, pudemos perceber ainda que, embora essas religiões já estejam há muito incorporadas à sociedade brasileira, e em Eunápolis há mais de 30 anos, segundo os/as sacerdotas entrevistadas/as, são bastante discriminadas. O desconhecimento e preconceito gera a ignorância, o desrespeito e as violências. Em entrevista, Mãe Val nos exemplifica as consequências do desconhecimento a partir de Exú, um dos orixás mais estigmatizados em nossa sociedade. Ela nos diz que:

Exu não é diabo, não vem lá do inferno pra pegar ninguém não, isso é história. [ . . . ] as pessoas ficam com trauma por que diz assim: ali tem, que ali é casa do diabo, aí fica com trauma, é uma coisa [Candomblé] que fala mais em Deus que nas igrejas (Depoimento colhido de Mãe Val, no dia 16 de fevereiro de 2016).

Em Eunápolis, os terreiros, empurrados às periferias, parecem, segundo nossa percepção, ser ignorados e invisibilizados pela população e, ao que parece, esse processo constrói de maneira dialógica os preconceitos em relação à crença, à cosmologia e dão lastro para desrespeitos e intolerância.

Com relação à identidade de pertencimento étnico-religiosa, de acordo com as entrevistas realizadas, identificamos que nos terreiros visitados na cidade Eunápolis temos dois Umbandistas e apenas um Candomblecista. Em relação à Umbanda, Nascimento (2010) afirma que esta religião.

teve sua origem como culto organizado por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas da classe média do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro brasileiras, e a professar e defender publicamente essa mistura com o objetivo de legitimá-la com status de nova religião (2010, p. 937).

Já o Candomblé, de acordo com a mesma autora, teve sua origem ainda durante o escravismo:

é uma religião monoteísta, o deus único para a Nação ketu é Olorum, para a Nação Bantu é Zambi, para a nação jeje é Mawu, que são nações independentes na prática diária e em virtude de sincretismo existente no Brasil a maioria considera como sendo o mesmo Deus da Igreja Católica (2010, p. 935).

Ao que parece, além das diferenças de origem, as duas religiões se diferem também nos ritos, cultos e cosmologia, em que o Candomblé está mais próxima da ancestralidade africana e a Umbanda, por sua vez, parece aproximar-se fortemente de elementos das religiões cristãs, cardecistas e indígenas. Essas influências podem ser observadas, inclusive, na presença de elementos litúrgicos como, por exemplo, imagens católicas, de caboclos e marinheiros (Figuras 3 e 4). No candomblé de Mãe Val, que se autodeclara Candomblé, podemos, no entanto, também observar a presença de referências da religião católica, sinal de que as tradições ocidentais ainda têm bastante influência nas culturas de matriz africana nos terreiros visitados.



Figura 3- Interior da do Centro Santo Antônio de Angola.



Figura 4- Interior do Terreiro de Mãe Val.

Assim, podemos perceber que, apesar do silenciamento e invisibilização das religiões afro-brasileiras em Eunápolis, elas resistem e têm se adaptado à essa realidade, seja a partir das trocas simbólicas com a tradição judaico-cristã aspecto identificado por vários estudos desde os tempos mais remotos da Escravidão -, seja com relação à marginalização territorial, na medida que, supomos, a prática mais afastada do centro, discreta aos olhares da intolerância, decerto, contribuiu e contribui para a sobrevivência desses cultos. Sobrevivem física e simbolicamente ainda que, historicamente, tenham sofrido ataques ao seu direito de existir.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir das entrevistas realizadas junto aos sacerdotes e sacerdotisa, concluímos que as religiões afro-brasileiras, Umbanda e Candomblé, estão presentes em Eunápolis há muito tempo, as quais sofrem um processo de invisibilização, marginalização territorial e silenciamento, aspectos que, por certo, podem informar sobre o processo de racialização e preconceitos historicamente experimentados pelas religiões afro-brasileiras nesse município. Eles estão presentes na cidade há anos e devido a constante marginalização sofrida acabam não sendo percebidos e até mesmo ignorados diariamente.

Entendemos que a melhor forma de lutar pelo reconhecimento e respeito, acabando com as intolerâncias e violências é a (in)formação, a educação. Quando passamos a conhecer e entender as diversas práticas religiosas e culturais, temos maior possibilidade de respeitar e, ainda, ajudar a conservar as práticas culturais presentes em nossa sociedade.

Este estudo, portanto, almejou colaborar para o rompimento do silêncio e da invisibilidade das religiões de matriz africana em Eunápolis, mas, sobretudo, discutir o preconceito e o racismo na região a partir dos significados desse silêncio, além de observar, de outro lado, como essas comunidades religiosas têm se adaptado e resistido. Pretendemos, assim, contribuir com a história do reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, bem como incentivar o reconhecimento e o ensino da cultura afro-brasileira, entendendo-a como elemento formador e constituinte de nossa memória e identidade.

#### Referências

AMIM, V. **Caminhos do Mapeamento (Mapeamento de Terreiros de Candomblé em Ilhéus)**. <[http://www.uesc.br/nucleos/kawe/candomble/caminhos\\_do\\_mapeamento.pdf](http://www.uesc.br/nucleos/kawe/candomble/caminhos_do_mapeamento.pdf)>.

CARNEIRO, E. Candomblés da bahia. 1967.

CASTILLO, L. E. O terreiro do alaketu e seus fundadores: história e genealogia familiar, 1807-1867. **Afro-Ásia**, Universidade Federal da Bahia, n. 43, 2011.

ESTEVEZ, A. J. Metodologias qualitativas análise etnográfica e histórias de vida. **Metodologias qualitativas para as ciências sociais**, p. 41, 1998.

MAPEAMENTO de Terreiros de Candomblé em Ilhéus (Projeto Kawe) (Entrevistas), [http://www.uesc.br/nucleos/kawe/candomble/index.php?item=conteudo\\_entrevistas.php](http://www.uesc.br/nucleos/kawe/candomble/index.php?item=conteudo_entrevistas.php).

MARCUSCHI, L. A. Análise da conversação. *5ª edio. Editoratica*, 2003.

NASCIMENTO, A. Candomblé e umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 9, n. 27, p. 923–944, 2010.

NORA, P. et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767**, v. 10, 1993.

PLANO Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. <http://www.seppir.gov.br/arquivos-pdf/plano-nacional-de-desenvolvimento-sustentavel-dos-povos-e-comunidades-tradicionais-de-matriz-africana.pdf>.

PRANDI, R. As religiões negras do brasil-para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, n. 28, p. 64–83, 1996.



REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista.** [S.l.]: Companhia das letras São Paulo, 1989.

SANKOFA. <http://www.africawithin.com/studies/sankofa.htm>.

SANTOS, E. F. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia.** [S.l.]: Edufba, 2009.